

GRAFFITI NA PERIFERIA DE FORTALEZA: COLETIVOS ARTIVISTAS DISCUTINDO GÊNERO E QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS

Tadeu Lucas de Lavor Filho

*Doutorando do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará
- CE, tadeulucaslf@gmail.com;*

Larissa Ferreira Nunes

*Doutoranda pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará
- CE, larissafnpsi@gmail.com;*

Jéssica Silva Rodrigues

*Doutoranda do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará
- CE, jsrodriguespsi@gmail.com;*

Gabriella Celestino L. F. Gondim

*Graduanda pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará
- CE, gabilemos09@gmail.com;*

Luciana Lobo Miranda

*Professor orientador: Doutora em Psicologia pela Pontifícia
Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Professora Titular
do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará – CE,
luciana.miranda@ufc.br.*

Resumo

O objetivo desta pesquisa é discutir o tema do gênero e questões raciais em coletivos de graffiti da periferia de Fortaleza, Ceará. Esta inquietação surgiu do desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado em Psicologia que investigou as inter(in)venções do graffiti como uma cultura juvenil dentro dos territórios das periferias de Fortaleza, entendendo este como arte criadora de significados e memórias sobre si e coletivas. A metodologia ancorada nessa pesquisa é a pesquisa-intervenção com manejo

da cartografia. Os dispositivos teórico-metodológicos operados foram: observação-participante e conversas no cotidiano, diário de campo, entrevistas sob manejo cartográfico. Para fundamentar a nossa análise, utilizamos referenciais teóricos do campo da Psicologia Social e de áreas afins que tematizam juventudes, cultura juvenil, arte e graffiti. Foram acompanhadas atividades artísticas de coletivos de grafiteiros. As experiências do ativismo desenvolvidas por estes coletivos da periferia permitiu problematizar o marcador étnico-tacial e de gênero para pensar uma a própria formação da territorialidade vivida, marcada pelo preconceito, desigualdades sociais, raciais e de gênero. No debate de gênero, o graffiti também colocou em análise o patriarcado, o machismo e a invisibilidade feminina na arte urbana. Por outro lado, as questões de gênero na contemporaneidade e o ativismo feminista mobilizaram a pesquisa, fazendo emergir valores políticos e éticos movidos pela diversidade de gênero que têm dado outros cenários para uma pluralidade de afirmações na periferia de Fortaleza. Sendo assim, o graffiti é convocado por juventudes periféricas como uma ferramenta de resistência.

Palavras-chave: Pesquisa-intervenção, Graffiti, Artes, Periferia, Juventudes.

Introdução

Este estudo é fruto do desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado¹ em Psicologia de uma universidade pública que investigou as intervenções do graffiti como uma cultura juvenil dentro dos territórios das periferias de Fortaleza, entendendo este como arte criadora de significados e memórias sobre si e a coletividade juvenil (LAVOR FILHO, 2020). Entende-se de forma geral por graffiti as produções de artes com estrutura estética de riscos, símbolos, imagens, letras, sobretudo a expressão espontânea que se queira registrar o contexto, a situação, a cena, o real e o pensável, tendo geralmente como suporte os muros e as paredes. Tais produções são apropriadas pelos jovens e passam a ser engendradas em seus cotidianos, utilizando como uma ferramenta para problematizar fenômenos sociais, sendo neste contexto que o graffiti engendra subjetivação que tensiona condições cristalizadas em territorialidades periféricas (GITAHY, 1999).

O acompanhamento de coletivos de graffiti permitiu que pudéssemos cartografar diversos cenários de atuação e ocupação de territórios, como praças públicas, muros de instituições públicas e privadas, espaços de ONG's, equipamentos de culturas, e por último uma escola pública de ensino médio que durante o primeiro semestre de 2019 ofertou uma disciplina de graffiti na grade curricular eletiva na modalidade de ensino integral. Sendo esta disciplina pensada por uma professora e graffiteira. Os sujeitos graffiteiros que acompanhamos na pesquisa têm seus engajamentos em vários contextos da periferia, seja atuação profissional ou como engajamento ativista, diferentemente dos jovens estudantes da escola pública onde muitos tiveram seu primeiro contato de diálogo sobre a prática de grafitar na sala de aula. No caso dos graffiteiros e suas formações de *crew* (um dos coletivos de graffiti que acompanhamos), estes são atravessados por estilos, discursos, desejos e interesses que são vivenciados em pares,

1 Pesquisa intitulada "Spray nas mãos, afetos nos muros": cartografia de inter(in)venções do graffiti no cotidiano de jovens inventores. Orientação da Profa. Titular Dra. Luciana Lobo Miranda no PPG Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Pesquisa financiada pela bolsa de mestrado através da FUNCAP-CE. Pesquisa aprovada no Comitê de Ética da Universidade Federal do Ceará com Número do CAEE: 08880119.9.0000.5054.

e cujas formações grupais destes, sobretudo por meio do graffiti, permitem entender a cultura juvenil como um processo de sociabilidade e subjetivação por meio da arte (FEIXA, 1999).

Visto isso, cada coletivo cria sua identidade de graffiti e é atravessado pela singularidade de cada integrante. Por ser um emblema típico de prática cultural juvenil, falamos aqui de uma identidade juvenil atravessada por diferentes modos de ser, mas sempre implicados no território periférico e que são atravessados por condições sociais, raciais e de gênero por residirem em bairros periféricos, serem em grande maioria pardos e pretos. Esse modo de ser de cada jovem integrante e de se posicionarem no mundo, traçamos analiticamente no nosso estudo como um processo de subjetivação, isto é, uma produção de vidas que tem relação direta com forças, das quais não fazemos separabilidade das relações sociais, das trajetórias e dos marcadores sociais da diferença (TAKEITI; VICENTIN, 2019; LAVOR FILHO; MIRANDA, 2020).

Situamos um debate interseccional de marcadores sociais² a partir da problematização dos sistemas de privilégio e exclusão que surgiram através dos estudos do feminismo negro que permitiu pôr em cheque as opressões acometidas à mulheres negras, e também pela relação marginal que jovens e mulheres são posicionados na sociedade como corpos assujeitados (MAYORGA, 2019). Esta análise foi importante para debatermos a realidade social da qual essa juventude se insere, e sobretudo, como no cotidiano de suas práticas de graffiti, os marcadores sociais são analisadores de suas experiências com o coletivo e o território da periferia, e que se apropriam da arte para criar ferramenta de lutas e enfrentamentos as iniquidades produzindo ativismos (RAPOSO, 2015).

Diante disso, temos como objetivo discutir o tema de gênero e questões raciais em coletivos de graffiti da periferia de Fortaleza, Ceará. A metodologia ancorada nessa pesquisa é a pesquisa-intervenção com manejo da cartografia. Para fundamentar a nossa análise, utilizamos referenciais teóricos do campo da Psicologia Social e de

2 Discutimos em nossa pesquisa esses marcadores ou elementos a partir da perspectiva de Feixa (1998), que investe suas investigações teóricas sobre os marcadores por meios da análise dos processos culturais, sendo que a lente interseccional de epistemologia feminista (CRENSHAW, 2002) opera um olhar voltado diretamente para um contexto/sujeito/corpo localizado.

áreas afins que tematizam juventudes, cultura juvenil, arte e graffiti, e marcadores sociais da diferença, sobretudo com ênfase na raça e gênero. Esperamos que este debate possa vir a fortalecer reflexões sobre as relações entre cultura juvenil, graffiti e questões raciais e de gênero.

Metodologia

O campo de pesquisa que compõem o mapa cartográfico desta pesquisa é a periferia de Fortaleza, e secundariamente uma escola pública de ensino médio em tempo integral situada no território que teve ofertada uma disciplina eletiva de graffiti. Como ferramenta da pesquisa-inter(in)venção, elegemos a cartografia para acompanhar os processos de saber-poder-subjetivação que tecem os modos de ser, estar e de luta dos sujeitos que compuseram a pesquisa (BARROS; BARROS, 2014; BARROS; KASTRUP, 2015). Traçamos com maior centralidade a discussão de mapear nas vivências desses coletivos a relação com os marcadores sociais da diferença que, por eles, ecoam em suas narrativas.

Ao acompanharmos esses coletivos durante os anos de 2018 e 2019, nos permitimos ocupar e ser afetados pelas variáveis do acaso, dos acontecimentos e do impensável, e fazemos desse trajeto a nossa própria cartografia, como um método de acompanhamento de processos (KASTRUP; PASSOS, 2013), cuja experimentação dos invariantes nos permitiu analisar as forças, as relações de poder, e as experiências com o graffiti de jovens que reconhecem nessa produção artística suas trajetórias (LAVOR FILHO, 2020; LAVOR FILHO; MIRANDA, 2020).

Os dispositivos teórico-metodológicos operacionalizados foram: observação-participante e conversas no cotidiano, diário de campo, entrevistas sob manejo cartográfico. O uso do diário nos ajudou a registrar os acontecimentos, a criar narrativas ficcionais em que estivessem presente nossas interferências e nossas inquietações, ao invés de puramente realizarmos descrições das vivências em campo e nos espaços do graffiti. Dessa forma, corroboramos para produção de uma pesquisa-intervenção implicada com os processos de pesquisa (RIBEIRO et al., 2016).

Foram realizadas 3 entrevistas com dois jovens grafiteiros e 1 grafiteira, e por último um grupo de discussão com os jovens estudantes da disciplina de graffiti. Essas três entrevistas sob manejo

cartográfico produzidas surgem a partir de uma demanda de pesquisa que, após diversos acompanhamentos de vivências em campo na periferia, emergiu sob a necessidade de aprofundar algumas questões analisadoras, tais como a relação de suas trajetórias de vida, e principalmente como alguns grafiteiros e grafiteira se apropriam do graffiti para criar ferramentas de ativismo e resistência na periferia. Para nós, as entrevistas e o grupo de discussão não foram apenas ferramentas descritiva de fatos, mas uma colheita de acontecimentos, de narrativas da experiências que permitem também analisar as forças e as relações de poder que engendram modos de vida (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013). Por isso, o processo cartográfico é também utilizado em sua dimensão analítica, uma “análise cartográfica”, na qual elegemos cenas narradas sobre questões de gênero e raciais para problematizamos tais fenômenos a partir do graffiti em seu ativismo (BARROS; BARROS, 2014). Cabe ainda salientar que tal pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa e que foram respeitados todos os preceitos éticos, por fim, os nomes apresentados são fictícios.

Resultados e discussão

É importante produzir um olhar de desnaturalização nas construções rígidas que narram a juventude por uma perspectiva de desqualificação da condição de sujeitos. Trata-se, ao contrário, de potencializar uma leitura atravessada pelos marcadores sociais. Situamos um debate interseccional de marcadores sociais³ a partir da problematização dos sistemas de privilégio e exclusão que surgiram através dos estudos do feminismo negro que permitiu pôr em cheque as opressões acometidas as mulheres negras, e também pela relação marginal que jovens e mulheres são posicionados na sociedade como corpos assujeitados (MAYORGA, 2019).

A autora chama a atenção, por meio de uma perspectiva feminista, de que as mulheres e juventudes, sobretudo subalternas, caíram no enquadramento marginal da condição de sujeitos. Com isso, tiveram

3 Discutimos em nossa pesquisa esses marcadores ou elementos a partir da perspectiva de Feixa (1998), que investe suas investigações teóricas sobre os marcadores por meios da análise dos processos culturais, sendo que a lente interseccional de epistemologia feminista (CRENSHAW, 2002) opera um olhar voltado diretamente para um contexto/sujeito/corpo localizado.

seus modos de ser operados por lógicas de disciplinarização e tutela, principalmente no que ela concebe como “sistema adultocêntrico”, ou seja, a uma lógica que comprime a posição dos jovens em uma esfera de contenção para o “lugar daquele/a que precisa ser educado, civilizado” (MAYORGA, 2019, p.137). Tendo ainda as sobreposições do gênero, sejam em seu processo disciplinamento no tocante ao masculino e feminino, assim como raciais ao colocar jovens de cor negra como mais subalternizados. Desse modo, seguimos a discutir como analisamos os marcadores de classe, geração, território, raça, gênero e estilo no contexto do graffiti e os sujeitos desta pesquisa.

O marcador de classe tem dado referência para pensar na construção e possibilidades de ser jovem em diferentes contextos sociais. É certo que sabemos que os extratos sociais diferentes reverberam nas desigualdades e injustiças sociais, produzindo outras tensões como conflitos urbanos, problemas de escolarização, vida laboral, dentre outros. A relação entre classe e culturas juvenis é engendrada pela cultura dominante global, uma vez que o sistema econômico e de produção de cultura de massa determina modo de ser juvenil atrelado ao consumo (FEIXA, 1998).

Na nossa pesquisa nos deparamos com uma realidade de território pobre e desassistido das políticas públicas básicas de qualidade, tais como saneamento básico, moradia, educação e saúde. Tanto na região do Grande Bom Jardim quanto nas redondezas da Barra do Ceará este dilema é o mesmo. A rentabilidade socioeconômica é baixa, contudo, não caímos no abismo de focar esse olhar como rígido e cristalizado de modos de vida enquadrados apenas pela perspectiva da pobreza. Por meio dos relatos e trajetórias dos nossos sujeitos, encontramos constante potência e desassossego com a realidade da periferia, como na fala do grafiteiro Jorge:

Sabe meio que eu vejo na periferia, na favela, tem tudo isso, **aí não pode chamar de favela, é Periferia! sabe? É favela! É um gueto, é ainda segregação, ainda é exclusão da sociedade, sabe?** É como se fosse em castas, é muito doído demais. Eu vejo como estamos em castas sabe, de acordo com o nível de pobreza... tu vai ter condições de chegar até tal coisa e tal coisa sabe, aqueles que a única opção é ser um catador de lixo, um aviãozinho, ou então um dependente químico até morrer. Aqueles que vão para o tráfico, sabe, ou então os que vão ser um empacotador no Mercantil

e aqueles que por muito esforço né, batendo de cara com sistema consegue entrar numa graduação, não pública as vezes, mas particular, porque a educação pública ela não dá condições. Às vezes tu tem que trabalhar e estudar, tipo eu no ensino médio eu trabalhava até 3 horas da manhã e acordava às seis da manhã para ir para o Colégio (Jorge, grafiteiro, recorte de entrevista, grifos nossos).

Os jovens aqui se relacionam entre desejos e interesses comuns compartilhados, e por isso, os sujeitos não estão condicionados a modos de vida estáticos. As fronteiras geracionais são importantes para refletirem as tensões que surgem quando uma geração se torna mais invisível do que outra, além de que as mais visíveis refletem numa cultura juvenil de identidade geracional duradoura. Também não se pode pensar numa geração homogênea, pois, há diversos estilos juvenis atuantes no presente histórico, onde estão em constantes tensões, ou seja, ser jovem é estar em constante transformação (FEIXA, 1998).

Reconhecemos essa questão em nossa pesquisa através das conversas com os sujeitos quando traziam suas histórias de vida nas conversas informais, em que alguns grafiteiros iniciaram seu processo na arte urbana por influência de familiares, amigos, por causa do bairro, mas esse é um marcador importante, pois, os relatos que ouvimos foram atravessados pelas influências das relações familiares ou sociais no território de periferia em que vivem, diferente da realidade na escola pública em tempo integral em que quase todos os estudantes da disciplina da escola passaram a tomar propriedade do graffiti a partir da mesma. A exemplo da influência geracional destacamos a fala do jovem grafiteiro Jorge:

O meu contato com a arte urbana, né começou com a pichação, minha família tem três gerações de pichadores e isso acabou me fazer começar a pichar, só que tal hora aquilo ali não me era mais... sabe assim, me faltava algo e não me preenchia mais, já não era algo que eu queria mais fazer pra dar de conta de minha comunicação, e a pichação não me fazia mais preenchido, depois fui para o graffiti (Jorge, grafiteiro, recorte de entrevista).

Outro marcador, o território: periferia, tem sido um marcador de reflexão das fronteiras territoriais onde os grupos ocupam seus espaços e deles produzem seus modos de vida. Além disso, é importante problematizar a diáde território e territorialidade, pois, se considerarmos a dimensão estrutural de formação e rede de segregação social do espaço, temos não somente um campo de fronteiras geográficas, mas também uma apropriação e conjuntura de valores implicados na habitação do território. Predominantemente, as culturas juvenis são estratificadas pela sua pluralidade de modos estéticos no território urbano, contudo, encontramos no espaço rural peculiaridades bastante singulares que fogem do escopo da presente pesquisa.

Faz parte das culturas juvenis estarem conectadas fortemente com o território criando significados e memórias de um lugar. Os efeitos de produção cultural da juventude tendem cada vez mais a romper com a barreira centro-periferia e questionar a hegemonia de uma cultura dominante nos territórios marginalizados (FEIXA, 1998).

Assim, sobre o que tu falou Aluna, **é muito interessante pensar que o graffiti é uma coisa da periferia**, não que na Aldeota⁴ não tenha graffiti porque tem e, tem muito bem feito, mas é justamente a questão é quem faz, **porque na periferia geralmente quem faz é quem é da periferia**, mas na Aldeota é pago. É outro processo e tem mais haver com mercado, tem haver com estética, com essas coisas... e é uma diferença de classes mesmo. Então principalmente porque antes de vir pra cá eu já tinha experiência com arte urbana na periferia que é o que já faço há um tempo, então **eu posso dizer com propriedade que quem faz arte na periferia é quem mora na periferia**. Muito dificilmente a não ser que seja um evento, uma coisa que a pessoa foi convidada e aí venho um dia e sai sem saber o nome de ninguém, entendeu? Mas no mais, e geralmente o processo é por aí, e é muito massa que tu entendeu isso, e acredito que vocês percebem isso também **porque é uma questão de territorialidade, inclusive quando a gente fala de pixu e de graffiti** (Ana, grafiteira e professora, recorte do grupo de discussão, grifos nossos).

4 O Bairro Aldeota é um dos territórios de maior IDH da cidade de Fortaleza.

Ainda na inserção em campo, e relatado no capítulo metodológico, os espaços de produção de graffiti que frequentamos eram circunscritos à periferia de Fortaleza. Deslocávamos em vários bairros, mas não saímos da espacialidade periférica. Como também xs grafitexs e xs estudantes da disciplina eram residentes do local, então a apropriação do espaço pelos participantes se deu no seu próprio cotidiano.

Quando analisamos essas expressões juvenis por uma lente de práticas culturais possibilitamos agenciar um debate sobre os estudos das subculturas ou culturas periféricas que rompem com a dicotomia centro/periferia. O centro dessa discussão é presente no caráter de uma intervenção política que tais práticas culturais produzem de maneira territorializada nos espaços de legitimação e transmissão do movimento (FEIXA, 1999; GUERRA; QUINTELA, 2016).

Não se trata de reificar um discurso de contradição entre centro-periferia, pelo contrário, compreendemos que essas fronteiras se conectam e se borram na dimensão do cotidiano e das práticas, como afirma Lacaz; Lima; Heckert (2015), ao contrário de uma oposição, há processos de “perifericização” (2015, p. 59) nos modos de vida por meio de sistemas de desigualdade econômica. Nesse mesmo campo, inserimos o recorte de gênero e raça, pois, problematizamos uma realidade social atravessada por estes contextos.

O marcador étnico possibilita pensar numa relação de base com os demais, sobretudo, porque é uma questão que atravessa a própria formação das sociedades subdesenvolvidas e que são marginalizadas por preconceito, desigualdades e situações de racismo. A etnia é também um forte operador da formação de uma identidade cultural que não se restringe a estratos geracionais, mas reverbera no cotidiano de um território bastante evidenciado de estigmas. As culturas juvenis são marcadas fortemente pelo marcador étnico, pois, pode-se encontrar subculturas juvenis como o *hip-hop* que nasce como emblema da luta da população negra reivindicando a igualdade social (FEIXA, 1998). É neste campo também que os preconceitos e estigmas assolam os modos de ser jovem nas sociedades mais desiguais. Foi com o relato do grafiteiro Ikaró que esse campo de discussão foi convocado em seu relato:

Eu vivo o racismo até hoje, as pessoas não acreditam né? “Ah, mas isso não existe!”, as pessoas não acreditam que eu passo por isso, sabe? “Isso é invenção da

tua cabeça!” Mas meu cabelo, por exemplo, né, minha família cortou meu cabelo no 1 até fazer 16 anos, que é **justamente quando eu passei a fazer graffiti na rua, e aí com influência do hip hop, me apresentando nos black punks né... Acho muito interessante sobre a ocupação desses espaços da sociedade pelo negro né... Que até onde eu tenho o direito de ir e vir quem vai dizer é o branco, né... Só pelo fato de ser preto eu não posso pegar um ônibus, que nem no contexto daquela época dos Estados Unidos? Eu não posso pegar um ônibus? Não posso frequentar determinados espaços públicos? Que não posso usar o mesmo banheiro que é um branco usa na escola?** (Ikaro, grafiteiro e professor, recorte de entrevista).

Os sujeitos de nossa pesquisa, em maioria, são de etnia negra e homens. Isso corrobora com Gitahy (1999) e Feixa (1998) ao relatar tanto a influência de juventude negra e da cultura juvenil hip-hop na base das produções de graffiti emergentes na periferia dos Estados Unidos, assim como nos outros países, por exemplo, o Brasil, onde continua esses espaços ditos marginais concentrarem as maiores produções de arte urbana. Nos grafiteiros tanto ouvimos como percebemos em suas práticas a relação política do reconhecimento da identidade negra. Entendemos que este reconhecimento, do pertencimento racial com a integração aos coletivos de graffiti, foi fundamental para a gama de trabalhos que tem sido desenvolvido na periferia, através do graffiti e da cultura hip-hop:

E aí o graffiti me possibilitou esse reencontro. Posso dizer reencontro porque eu não me via como negro, para mim eu nunca neguei meu pertencimento, mas também eu nunca me afirmava para as outras pessoas, para a sociedade enquanto negro. Desde **1999 que eu passo a me afirmar desde quando eu tenho 16 anos e frequento o hip-hop que eu passo a conhecer as identidade e discutir essa questão social sobre a juventude negra que meu cabelo cresce até hoje. Tá assim né, tô com 36 anos portanto 20 anos com cabelo crespo, crescido e arrepiado** (Ikaro, grafiteiro e professor, trecho de entrevista, grifos nossos).

Os estudos de Camargos (2018) sobre a produção de músicas rap entre os anos 1988-2018 apontou que os conteúdos das letras

musicais veemente denunciam o racismo e as questões de injustiças sociais vividas pela população negra. Foram, em parte, as músicas de rap conectadas a cultura hip-hop que promoveu uma ampla difusão de debates sobre preconceito e cotidiano dos negros e das negras que vivem nos contextos de periferia através dos canais midiáticos. Ainda com isso, as músicas além de comunicarem os dilemas são em maioria protagonizadas por negros e negras.

No marcador de gênero, as culturas juvenis também foram fortemente atravessadas pelo patriarcado, machismo e pela invisibilidade feminina. Por outro lado, as questões de gênero na contemporaneidade e o ativismo feminista mobilizaram, fazendo emergir valores políticos e éticos movidos pela diversidade de gênero que têm dado outros cenários para uma pluralidade de afirmações. As culturas juvenis produzidas por movimentos de transgressão e pelas culturas de massa estão ambas conectadas com a questão de gênero e pelos emblemas de padrões estéticos, morais e de condutas. Vale ressaltar que o próprio movimento feminista é uma construção de legitimidade de conteúdos, respostas e resistências a invisibilidade da mulher dentro e fora dos espaços de articulação social, geracional e de classe (FEIXA, 1998).

Não somente no graffiti, mas amplamente no movimento do hip-hop essa questão da forte invisibilidade da mulher é presente desde a década 80, quando de seu surgimento. Ainda, não tem sido proporcional a inserção de mulheres nesse movimento, tendo os homens ainda como predominantes das produções de graffiti. Ao longo da pesquisa tivemos contato com apenas uma mulher grafiteira e cerca de mais de dez homens inseridos no graffiti. Sendo diferente na disciplina da escola em que tinha um número de estudantes balanceado, em virtude da reivindicação de Ana enquanto mulher grafiteira, garantindo o sorteio de vagas igualitárias para meninos e meninas. Vale ressaltar que não foi relatado ou percebemos algum tensionamento/preconceito entre os estudantes quanto a relação de gênero, algo que é diferente nas ruas da periferia, pois, as mulheres ainda são suscetíveis ao preconceito segundo Ana. Com base em um trecho do relato de Ana, ela legitima sua inserção no graffiti ao falar de como as pessoas nas ruas tende a se admirar por vê-la nos muros grafitando:

E aí muitas pessoas começaram a curtir, começaram a falar e eu “tomei gosto” e comecei a fazer experimentação só nesse processo [graffiti] e aí também tomei

outra dimensão, e eu acho que também foi tão rápido essa dimensão, porque não existe muitas mulheres grafiteiras. Então em pouco tempo eu virei referencial entre aspas, então, tipo assim, com um ano de produção?! Pois é foi pouco tempo, inclusive eu me sinto ainda hoje em processo. Com certeza, é porque isso é muito complexo isso assim, porque existem poucas mulheres assim de contar nos dedos das mãos mesmo (Ana, grafiteira e professora, recorte de entrevista).

Os estudos de Menezes; Moura; Souza (2014) sobre a participação de mulheres no hip-hop corrobora com esse contexto, partindo do rap e graffiti que são elementos do hip-hop, existe uma desigual relação de gênero que sujeita as mulheres pelo machismo presentes nos grupos, porém, a entrada dessas mulheres é o próprio ato de reivindicar espaços de liberdade sobre si, sobre o corpo, sexo e modo de ser distinto do imperativo de masculinidade normativo. É nesse campo de batalha de entrada no movimento que as mulheres também vislumbram garantir a equidade de espaço nas ruas e nos cenários artísticos.

Por último, o marcador estilo. A produção de um estilo implicado de culturas juvenis se reflete na visibilidade de manifestações, experiências e expressões de elementos materiais e imateriais produzidos pelas juventudes. Sua representação está atrelada às representações de identidades juvenis que constituem os diversos grupos. Desse modo, não se pode confundir o elemento estilo aos moldes da cultura de consumo e mercado direcionados para o público jovem. Discutir os estilos das culturas juvenis nos permite repensar duas categorias de formação semiótica, a saber: *bricolaje e homologia*, e como essas refletem nas pluralidades de signos: linguagens, artes, estéticas, produções culturais, etc (FEIXA, 1998).

O que o autor considera como marcador de estilo da cultura juvenil reflete nas nossas análises e no que os sujeitos concebem como estética. Isto é, o conteúdo, o formato, a moldura em que os graffitis são pensados, produzidos e apreciados nos muros da cidade. Aqui no plano estético estão os formatos, as cores, os padrões de geometrias e os elementos de rabisco, contorno e fundo que ganham relevância na interpretação que querem transmitir. Encontramos no relato de Ana uma síntese do que ela considera como plano estético dos graffitis presentes na periferia de Fortaleza:

Aqui no Grande Bom Jardim tem toda uma narrativa comunitária, social muito ligada também ao cunho religioso o uso né, tem muitas mensagens bíblicas em um processo dessa cultura de paz né, a procura da cultura de paz a partir do graffiti. Então aqui você consegue perceber uma estética bem pacífica e comunitária. Tem essa pegada mais de mensagens né, [de] trazer mensagens escritas mesmo né, literais e figurativas também. Então é um processo bem daqui (Ana, grafiteira e professora, recorte de entrevista).

Esses elementos/marcadores nos apontam sobre vários elementos constitutivos das culturas juvenis. Eles não pretendem cercar ou apenas descrever as pluralidades de manifestações juvenis nos seus campos de experiência de forma segregados. Esses indicadores reverberam condições de produção histórica localizada de como o/a jovem pode e tem encontrado visibilidade na sociedade. As culturas juvenis longe de universalizar, embora analisadas na coletividade, nos mostram como os jovens se aliam entre pares para fazer dizer e ver sua potência inventiva.

Considerações finais

Em um cenário de investimentos em artes no território periférico, o graffiti foi convocado por grupos e sujeitos que vivem na periferia como ferramenta de resistência. No debate de gênero, o graffiti também colocou em análise o machismo no cenário da arte urbana. Neste sentido, as questões de gênero na contemporaneidade e o ativismo feminista mobilizaram a pesquisa, fazendo emergir valores políticos e éticos movidos pela diversidade de gênero que têm dado outros cenários para uma pluralidade de afirmações na periferia de Fortaleza. Quanto ao marcador de raça, as produções se pauta no enfrentamento do racismo, e principalmente no reconhecimento dos grafiteiros como homens negros que possuem em suas trajetórias as forças do racismo presente no cotidiano. A aliança entre jovens da periferia na constituição de coletivos de graffiti, muitas vezes atravessa essa pauta em comum, que é o fortalecimento de uma juventude periférica que é negra, estigmatizada e vive em condições de vulnerabilidade social, sendo a arte uma ferramenta de denúncia, sustento e ativismo.

Portanto, é através do estilo, como marcador estético-político que os demais marcadores se atravessam, se encontram e se tangenciam.

O território de periferia é convocado nas produções, tanto na estética de conteúdos de enfrentamento ao racismo, quanto na apropriação pela visibilidade das diversidades de gênero, que neste estudo posicionou a inserção da mulher nos coletivos de graffiti. Estes são alguns dos dilemas enfrentados por jovens periféricos que buscam na arte urbana, especialmente no graffiti, os novos possíveis e angariam uma sociedade menos preconceituosa, racista e plural.

Agradecimentos

A Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP-CE) pelo financiamento desta pesquisa.

Referências

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Pista 3: cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Ed. 1. 6ª Reimpressão. Porto Alegre: Sulina, 2015.

BARROS; L. M. R.; BARROS, M. E. Pista da Análise: O problema da análise em pesquisa cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Org.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre – RS: Sulina, 2014.v.2.

CAMARGOS, Roberto. Percursos e discursos da identidade negra no rap: música popular e questões raciais no Brasil, 1988-2018. **Revista Latitude**, Maceió, v. 12, n. 2, p. 7-35, 2019.

FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas y tribus: Antropología de la juventud**. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo-SP: Brasiliense, 1999.

GUERRA, Paula; QUINTELA, Pedro. Culturas urbanas e sociabilidades juvenis contemporâneas: um (breve) roteiro teórico. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 47, n. 1, jan/jun, 2016, p. 193-217.

LAVOR FILHO, Tadeu Lucas de. Lucas de. **“Spray nas mãos, afetos nos muros”**: cartografia de inter(in)venções do graffiti no cotidiano de jovens inventores. 2020.193f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Fortaleza (CE), 2020.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 263-280, 2013.

LACAZ, A.S.; HECKERT, A.L.C.; LIMA, S.M. Juventudes periféricas: arte e resistências no contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 56-67, 2015.

LAVOR FILHO, T. L.; MIRANDA, L. L. Cartografar para conhecer: uma pesquisa movimentada pelo graffiti no território da periferia. In: **Pesquisas Com as Psicologias**: artesanias e artifícios. Coleção Transversalidade e Criação - Ética, Estética e Política, volume 10. LEMOS, F. C. S., et al (Org.). Curitiba: Editora CRV, 2020.

MAYORGA, Claudia. Algumas palavras de uma feminista sobre o campo de estudos sobre juventude. In: COLAÇO, V. F. R.; GERMANO, I. M. P.; MIRANDA, L. L.; BARROS, J. P. P. (Org.). **Juventudes em movimento**: experiências, redes e afetos. Fortaleza-CE: Expressão Gráfica e Editora, 2019, p. 132-141.

MENEZES, J. A.; MOURA, R. P. S.; SOUZA, M. L. Cores e rimas dos tensionamentos de gênero no movimento hip hop. In: **Encontro Nacional da Rede Redor - rede feminista Norte e Nordeste de estudos e pesquisa sobre a mulher e relações gênero**. 18, 24-29 nov. 2014., João Pessoa-PB. Anais... 2014. Tema: Perspectivas feministas de gênero: desafios no campo da militância e das práticas. Disponível em: . Acesso em 25 de Agosto de 2019.

RAPOSO, Paulo. “Artivismo”: articulando dissidências, criando insurgências. **Cadernos de arte e antropologia**, v. 4, n. 2, p. 3-12, 2015.

RIBEIRO, D. M.; MIRANDA, L. L.; FEITOSA, G. L.; CARDOSO, N. F. S.; OLIVEIRA, P. S. N.; DE OLIVEIRA, T. C. D. Pesquisando com professores: a centralidade do diário de campo e da restituição em uma

pesquisa-intervenção. **Revista de Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 81-93, 30 jul. 2016.

TAKEITI, Beatriz Akemi; VICENTIN, Maria Cristina Gonçalves. Juventude (s) periférica (s) e subjetivações: narrativas de (re) existência juvenil em territórios culturais. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. SPE, p. 256-262, 2019.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 299-322, 2013.